

**IMPERATIVO:
UMA ANÁLISE DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA
EM REVISTAS EM QUADRINHOS
DO MENINO MALUQUINHO**

Jeferson da Silva Alves (PUC-MG)
jefersonsalves@gmail.com

RESUMO

Neste artigo, analisar-se-á o uso do modo imperativo em suas variantes: indicativa e subjuntiva, em *corpus* constituído de diálogos de revistas em quadrinhos do Menino Maluquinho, em contexto discursivo exclusivo do pronome *você*, contexto em que a tradição gramatical prescreve categoricamente o uso da variante subjuntiva. À luz da teoria da Variação Sociolinguística Quantitativa, modelo Laboviano, considerar-se-á a influência das variáveis independentes: i) Polaridade da estrutura; ii) Ausência e presença (tipo) de clítico; iii) Paradigma verbal e iv) Conjugação verbal. Para a análise estatística do fenômeno linguístico, submeter-se-á os dados ao pacote de programas de regras variáveis *GoldVarb 2.0* que relaciona às formas variantes aos contextos linguísticos (variáveis independentes) envolvidos.

Palavras-chave: imperativo; Variação linguística; Revistas em quadrinhos

PALAVRAS INICIAIS

As sentenças em (1) e (2) ilustram a variação no uso do modo imperativo no português brasileiro (PB) falado e em alguns contextos de escrita [+ *dialogada*] – como é o caso das Histórias em Quadrinhos (HQ) produzidas em algumas regiões do país.

Imperativo associado ao modo indicativo

(1a) **Disfarça**, Bocão! Vem vindo duas gatinhas em nossas direção (*Agarrem essa planta!*).

(1b) Não se **preocupa** filho! É só uma verruguinha... (Adaptado de *E aí?! Vai ficar parado?*)

Imperativo associado ao modo subjuntivo

(2a) **Coma** mais pizza, filho! Você está acima do peso! (*Pedala, Maluquinho*)

(2b) Não **faça** isso, moça! Detesto ver menina chorando! (*Que cabelo doidão é esse?*)

No português brasileiro, podemos encontrar as quatro possibilidades supracitadas para expressar *ordens* e *proibições* (em ocorrência) com preferência por uma variante ou outra, como demonstram pesquisas, a depender da região geográfica: 1) Regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste: preferência pelas formas associadas ao modo indicativo (cant**A**, beb**E**, part**E**) e 2) Região Nordeste: preferência pelas formas associadas ao modo subjuntivo (cant**E**, beb**A** e part**A**).

As gramáticas normativo/prescritivas (cf. Bechara, 1999; Cunha & Cintra, 2001; Rocha Lima, 2001; Tufano, 1997) aceitam as duas possibilidades de uso para expressão variável do imperativo, excetuando o imperativo associado à forma do indicativo na polaridade negativa como no exemplo em (1b), como ilustra o quadro abaixo:

Presente do indicativo	Imperativo afirmativo	Presente do subjuntivo	Imperativo negativo
Eu falo	-	(Que eu) fale	-
Tu fala S >	Fala (tu)	(Que tu) fale s >	Não fale s (tu)
Ele/ela fala	Fale (você)	< (Que ele) fale >	Não fale (você)
Nós falamos	Falemos (nós)	< (Que nós) falemos >	Não falemos (nós)
Vós falai S >	Falai (vós)	(Que vós) falei s >	Não falei s (vós)
Eles/elas falam	Falem (vocês)	< (Que eles) falem >	Não falem (vocês)

Quadro 1: Formação do modo imperativo.

Como delinea o quadro acima e prescreve a tradição gramatical, o imperativo é um modo verbal derivado de outros dois modos verbais: presente do indicativo e presente do subjuntivo. Veremos, a seguir, sob a ótica da tradição gramatical, as especificações para o uso do modo imperativo:

a) A segunda pessoa do singular *tu* e a segunda pessoa do plural *vós* (na polaridade afirmativa) são derivadas do presente do indicativo, suprimindo o –S final;

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

b) Para as demais pessoas e para os pronomes chamados de “tratamento” (como o pronome *você*, por exemplo) assim como todas as posições do imperativo na polaridade negativa derivam do presente do subjuntivo.

O LATIM E O USO DO MODO IMPERATIVO

O latim, como demonstra o quadro abaixo, apresentava morfologias distintas para o uso do modo indicativo e do modo imperativo (na polaridade afirmativa) para o uso do pronome de segunda pessoa singular *tu*.

Infinitivo	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo
Cantare	Cantas	Cantes	Canta
	Cantat	Cantet	--
Bibere	Bibes	Bibas	Bibe
	Bibet	Bibat	--
Partire	Partis	Partas	Parte
	Partit	Partat	--

Quadro 2: Infinitivo, indicativo, subjuntivo e imperativo latino para a segunda e terceira pessoa.

Segundo Elia (*apud* Scherre; 2004, p. 1), “a história registra que o latim clássico apresentava imperativo morfológico para enunciados diretivos afirmativos nas segundas pessoas do singular e do plural, distinto da morfologia do modo indicativo”. E já lançava mão das formas do subjuntivo para expressar os enunciados diretivos na polaridade negativa.

No transcurso da história, houve uma confluência na fala entre as formas de terceira pessoa do modo indicativo e as formas do modo imperativo, que perdeu o –t final – cantat (canta), portanto trata-se de uma questão morfológico-fonológica, em que houve a influência da fala para a escrita.

A SEMANA DE ARTE MODERNA E O ABRASILEIRAMENTO DO MODO IMPERATIVO

Em seu poema antológico (*Pronominais*), Oswald Andrade já nos proporciona uma aula magna sobre a colocação pronominal (que a tradição gramatical prescreve o uso da ênclise em detrimento da

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

próclise) e a variação do imperativo na língua falada no Brasil, como veremos a seguir:

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me **dá** um cigarro

Àquela época em que o poema foi escrito, o uso do modo imperativo já estava, muito provavelmente, sendo expresso em maior proporção pelas formas associadas ao indicativo e o que refreava (ou tentava refrear) a variação era a gramática normativa e o ensino formal da língua, já que, segundo o autor do citado poema, estruturas do tipo: “*Dê-me um cigarro*” (subjuntivo) encontram respaldos na “*gramática do professor e do aluno e do mulato sabido*”, porém, “*o bom negro e o bom branco da nação brasileira dizem todos os dias: deixa disso camarada me dá um cigarro*” (indicativos).

Segundo estudo desenvolvido por Paredes Silva *et alli* (*apud* Andrade, Melo e Scherre, 2007, p. 760), “em peças teatrais escritas no intervalo do período de 1844 e 1992, ocorre um pico de variação do imperativo no ano de 1922, ano da Semana de Arte Moderna”. Nesta ocasião, se destaca no Brasil as expressões tipicamente brasileiras, como forma de condutas relativas à identidade nacional, em todas as áreas de nossa cultura, inclusive a língua.²¹

Neste período, Paredes Silva *et alli* (*apud* Andrade, Melo e Scherre, 2007, p. 760), localizam “o que denominam *abrasileiramento* do imperativo, a saber, o uso de formas do [*indicativo*] no contexto discursivo do pronome *você*”.

²¹ Alves e Alves (2006b) analisam alguns estereótipos em relação à língua falada no Brasil e concluem que não há falantes incultos como demonstram os comandos paragramaticais (cf. Bagno, 2001a) e sim falantes com níveis de culturas diferentes: “participamos de forma diferenciada da cultura em que nascemos, assim nem todos os elementos desta cultura nos são socializados, ou seja, um “perfeito” conhecedor da norma padrão, certamente, é um verdadeiro ignorante para muitos dos aspectos da vida dos, considerados, ‘incultos’” (Alves e Alves, 2006b, p. 1-2).

A DITADURA MILITAR E O USO DO MODO IMPERATIVO

Em trabalho realizado com as músicas de Chico Buarque, Mattos e Wickert (2003, p. 31 *apud* Andrade, Melo e Scherre, 2007, p. 5), no período de 1964 a 1993, explicitam a relação entre ruptura linguística e ruptura política. Em outras palavras, as autoras apontam aumento do uso do imperativo associado à forma indicativa no auge da repressão política. Andrade, Melo e Scherre (2007, p. 5) apontam que “um acontecimento de tão grande proporção e intensidade [*que foi a ditadura militar*] não pode ter passado sem deixar marcas na língua, em especial na língua escrita, sejam estas no imperativo ou em outras estruturas do português brasileiro”.

O *abrasileiramento* do imperativo, portanto, “pode ter sido reflexo deste movimento político, uma vez que, nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste, a forma do imperativo associado ao indicativo é recebida como sendo de maior proximidade e solidariedade”, ao passo que, “a forma do imperativo associado ao subjuntivo desperta nos ouvintes uma sensação de maior autoritarismo” (Andrade, Melo e Scherre, 2007).

As autoras acreditam que, “com o fim da ditadura militar, e em função dos traumas por ela deixados, a população tenha passado a repugnar condutas e formas de expressão que remetessem a um maior autoritarismo, como manifesto inconsciente de desaprovção ao regime decaído”. Concluímos, portanto, em coro com Pagotto (2004, p. 89 *apud* Andrade, Melo e Scherre, 2007, p. 5) e as autoras supracitadas, que “o significado social das formas variantes é uma consequência direta do processo de identidade do sujeito na sua relação com a língua. *É ao se colocar como igual a um outro ou diferente dele, que o sujeito imprime significado social às formas linguísticas*”.

No caso aqui explicitado, os falantes se manifestaram linguisticamente diferente do período da ditadura militar, ampliando o uso de um elemento da oralidade à escrita e se aproximando a uma nova ordem democrática: o *abrasileiramento* do imperativo, “uma forma vista e sentida sem tanta força autoritária: associada, portanto, ao indicativo” (Andrade, Melo e Scherre, 2007, p. 6).

CONTEXTO DISCURSIVO DAS REVISTAS EM QUADRINHOS
DO MENINO MALUQUINHO

O contexto discursivo dos diálogos das HQ do Menino Maluquinho é de uso exclusivo do pronome *você*, contexto em que a tradição gramatical prescreve o uso do modo imperativo associado às formas do subjuntivo (cantE, bebA, partA) tanto para polaridade afirmativa quanto para polaridade negativa. Contudo, percebemos o uso do imperativo associado ao indicativo com frequência global de 72.4% em estruturas afirmativas e negativas como demonstraremos no corpo deste trabalho.

Portanto, em se tratando do uso do modo imperativo, não se tem relação muito clara no que diz respeito ao uso do *tu* ou *você* como prescreve a tradição gramatical. Como demonstram as análises em grande parte do território brasileiro, as formas associadas ao indicativo são as formas que gozam de mais prestígio social, já que, como sabemos, a região Nordeste é estigmatizada e sofre muito preconceito linguístico, muitas vezes caricaturado na mídia, fortalecendo mais ainda a visão preconceituosa em relação a tais falantes. Assim sendo, “a variação do imperativo é um fenômeno que nos ajuda[rá] a concretizar a idéia de que este preconceito não é fruto da defesa pelas formas que seriam gramaticalmente corretas, mas sim de uma perseguição às formas estigmatizadas” (Andrade, Melo e Scherre, 2007, p. 11). O critério para se estigmatizar uma variante, segundo Andrade, Melo e Scherre (2007, p. 11), “não é o seu grau de aproximação à norma gramatical: o critério é, sem dúvida, a classe ou comunidade social onde esta se manifesta”.

Metodologia de análise

Os diálogos analisados na presente investigação fazem parte do gênero textual história em quadrinhos (HQ) e “apresenta[m] situações de diálogo num registro muito próximo ao da linguagem popular [...] resultando em um texto mais espontâneo e, conseqüentemente, aproximando-se da linguagem falada” (Smaniotto, 2005, p. 62). Ademais de Smaniotto (2005), outros pesquisadores fazem análise

linguística do modo imperativo em HQ²² brasileiras ou traduzidas à língua portuguesa. Segundo a autora supracitada, a “análise de história em quadrinhos poderá delinear os rumos que a variação do imperativo tem tomado tanto na fala como na escrita” (Smانيotto, 2005, p. 72).

Como já foi explicitado anteriormente, os diálogos analisados nesta pesquisa fazem parte do gênero textual história em quadrinhos e segundo Menon *et alli*:

As HQ devem, também, merecer destaque no tocante ao papel que têm: muitas vezes, é o único tipo de leitura de alguns grupos sociais. E, nesse aspecto, o português aí veiculado também se reveste de importância: enquanto manifestação linguística de uma comunidade, num determinado tempo e espaço, essa linguagem, ao ser registrada, reveste-se de significado na medida em que os textos devolvem a seus leitores as formas linguísticas por eles utilizadas. Nesse processo eles se tornam agentes importantes na disseminação da diversidade oral, e por que não, no processo de mudança linguística (Menon *et alli*, 2003 *apud* Smانيotto, 2005, p. 79).

As HQ, por serem textos “escritos” muito próximos da oralidade, sofrem variação e mudança linguística e segundo Tarallo (2002), “nem tudo que varia sofre mudança; toda mudança linguística, no entanto, pressupõe variação. [Ou seja], mudança é variação!”.

A mudança linguística se dá de maneira contínua, porém, lenta e gradual. Por tanto, as HQ por serem textos bastante férteis em relação a elementos muito presentes na oralidade são mais passíveis à variação e mudança linguística que outros tipos de textos escritos, por isso, adotamos para a análise do uso do modo imperativo a metodologia Sociolinguística Laboviana.²³ Nosso principal objetivo é analisar quantitativamente as variáveis linguísticas (independentes) envolvidas no fenômeno em questão em diálogos extraídos de 9 re-

²² Outros pesquisadores brasileiros fazem análise linguística do modo imperativo em histórias em quadrinhos brasileiras e traduzidas: Alves (2006; 2008); Andrade; Melo; Scherre (2007); Borges (2005); Scherre (2003; 2005); Smانيotto (2005).

²³ Cf. Weinreich; Labov; Herzog (2006); Labov (1975; 1981) Sankoff (1988a). O pressuposto básico dessa teoria associa à estrutura linguística a noção de heterogeneidade ordenada: a concepção de língua é inerentemente variável e a suposta variação livre é vista como passível de descrição sistemática, em função de restrições linguísticas e não-linguísticas (variáveis sociais, por exemplo).

vistas em quadrinhos do Menino Maluquinho,²⁴ do autor Ziraldo, publicadas no ano de 2007. As variáveis linguísticas foram submetidas ao pacote de programas de regras variáveis *GoldVarb 2.0*,²⁵ a saber: **1.** Polaridade da estrutura – afirmativa e negativa; **2.** Ausência e presença (tipo) de clítico **3.** Paradigma verbal – regular e irregular e **4.** Conjugação verbal – 1ª conjugação, 2ª conjugação e 3ª conjugação.

Análise dos dados

Em nossa análise, iniciaremos fazendo o levantamento global das ocorrências de estruturas imperativas encontradas nos diálogos das histórias em quadrinhos do Menino Maluquinho levando em consideração as variantes associadas ao modo indicativo e ao modo subjuntivo.

Variante	Aplicativo/Total	Frequência
Indicativo	244/337	72.4%
Subjuntivo	93/337	27.6%

Tabela 1: Ocorrências do modo imperativo no corpus.

Percebe-se, a partir da análise da tabela 1, que a preferência para a expressão variável do imperativo singular presente nos diálogos das HQ do Menino Maluquinho se configura em maior parte pelas formas associadas ao indicativo com 244 ocorrências em frequência de 72.4% do tipo: (3) **Fala** logo! (*Agarrem essa planta!*) e (4) Nem me **fala**! (*Que cabelo doidão é esse?*). Encontramos, entretanto, 93 ocorrências (27.6%) de estruturas associadas ao modo subjuntivo do tipo: (5) E **fique** sabendo que eu já tenho outro em minha vida! (*Que cabelo doidão é esse?*) e (6) Não **faça** isso, moça! Detes-

²⁴ Seguem as revistas que foram utilizadas: *O Menino Maluquinho* (Agarrem essa planta!) junho 2007 – nº 23; *Julietta, a Menina Maluquinha* (Chega de criancice!) junho 2007 – nº 23; *Junim* (Que cabelo doidão é esse?) agosto 2007 – nº 02; *O Menino Maluquinho* (Pedala, Maluquinho) novembro 2007 – nº 28; *O Menino Maluquinho* (Caçadores de etê!) setembro 2007 – nº 26; *Julietta, a Menina Maluquinha* (Humm! Que delícia) novembro 2007 – nº 28; *O Menino Maluquinho* (E aí?! Vai ficar parado?) setembro 2007 – nº 26; *Julietta, a Menina Maluquinha* (Que desanimação é essa?) setembro 2007 – nº 26 e *Junim* (De olho na panela) setembro 2007 – nº 03.

²⁵ Cf. Sankoff (1988b); Pintzuk (1988); Guy (1998) Guy; Zilles (2006); Naro (2003); Scherre; Naro (2003).

to ver menina chorando! (*Que cabelo doidão é esse?*).

A seguir, analisaremos as variáveis independentes: 1) Polaridade da estrutura; 2) Ausência e presença (tipo) de clítico; 3) Paradigma verbal e 4) Conjugação verbal. Ademais dessas, faremos uma breve consideração sobre a variação linguística no uso do modo imperativo em outras histórias em quadrinhos brasileiras.

Polaridade da estrutura

Como ilustra a tabela 1, a polaridade afirmativa favorece o uso do modo indicativo, confirmando a hipótese de que o imperativo na polaridade afirmativa estaria mais associado às formas do indicativo, enquanto que a polaridade negativa estaria associada às formas do subjuntivo. Em nossa pesquisa, constatamos uma grande concentração de enunciados imperativos associados às formas do indicativo na polaridade afirmativa com peso relativo de .53 que é relativamente próximo ao ponto neutro. No entanto, a diferença entre a polaridade afirmativa e a polaridade negativa (de .34) é estatisticamente relevante. Segundo Sankof (1988a *apud* Scherre, 2003), “é a comparação entre os efeitos de quaisquer dois fatores em um grupo de fatores (medida pelas suas diferenças) que é importante, e não seus valores individuais”.

Variável	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
Afirmativa (91.7%)	233/309	75.4%	.53
Negativa (8.3%)	11/28	39.3%	.19
Total	244/337	72.4%	

Tabela 2: Polaridade e imperativo associado ao indicativo.

Conforme vimos nos resultados expostos, a polaridade negativa não apresenta apenas enunciados imperativos associados à forma do subjuntivo. Conforme esboça o próximo item (*polaridade negativa*), veremos os contextos em que o uso do modo imperativo na polaridade negativa favorece as formas associadas ao indicativo.

Polaridade negativa

A polaridade negativa (no uso do modo imperativo) no português brasileiro, segundo Scherre, Cardoso e Lunguinho (2005, p.

506), “não há restrição absoluta”, já que tanto o imperativo associado ao indicativo quanto ao subjuntivo “podem ser negados” como ilustram os exemplos em (7) e (8):

(7) Não **deixa**, Bocão! (*Pedala, Maluquinho!*)

(8) Não **saia** daí, garoto! Já volto (*E aí?! Vai ficar parado?*)

Nas sentenças imperativas na polaridade negativa, como ilustra a tabela 2, há desfavorecimento quanto ao uso do verbo associado à forma indicativa com peso relativo de .19 e frequência global de 39.3%. Em outras palavras, a polaridade negativa favorece a forma associada ao subjuntivo para os enunciados imperativos como representam os exemplos (9) e (10):

(9) Não se **preocupe**, por que eu já encontrei uma solução! (*Que desanimação é essa?*)

(10) Não **dê** um pio! Finja que está invisível! (*Agarrem essa planta!*)

Pesquisas apontam, contudo, que há um aumento de enunciados imperativos associados ao indicativo na polaridade negativa em:

1) Estruturas com negação pós-verbal

(11) **Liga não**! Ele é animado assim mesmo! (*Agarrem essa planta!*)

(12) Se **preocupa não** é só a gente... (Adaptado de *E aí?! Vai ficar parado?*)

2) Estruturas com dupla negação

(13) Não **esqueita não**, filha! Eu dou um jeito! Tome um dinheiro para ir ao cinema! (Adaptado de *Que desanimação é essa?*)

(14) Não se **atrasa** para o almoço **não**, hein filho? (Adaptado de *Agarrem essa planta!*)

Ausência e presença (tipo) de clítico

A ausência de clítico na língua para expressão variável do modo imperativo é mais abundante do que a presença. Dos enunciados imperativos que se apresentaram na forma do indicativo, 226 foram sem uso de clítico, ao passo que a presença de clítico *me* somam 14 e a presença de clítico *se* apenas 4.

Na tabela 2, podemos notar que a presença de clítico *me* aparece como grande favorecedora da forma associada ao indicativo, seguida da variável ausência de pronome com peso relativo igual a .50 (no ponto neutro). A presença de clítico *se* é desfavorecedora da forma associada ao indicativo, porém apresenta 33.3% das ocorrências nessa variante.

Variável	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
Ausência (91.4%)	226/308	73.4%	.50
Me (5%)	14/17	82.4%	.63
Se (3.6%)	4/12	33.3%	.15
Total	244/337	72.4%	

Tabela 2: Tipo de clítico e imperativo associado ao indicativo.

Os enunciados em (15), (16) e (17) apresentam a variação entre a ausência e presença (tipo) de clítico nas formas associadas ao indicativo.

(15) **Xá** ver... (*Caçadores de etê!*)

(16) *Me dá!* Me dá a bola aqui! (*Agarrem essa planta!*)

(17) Não *se atreva* a me olhar desse jeito! (*Caçadores de etê!*)

Vale ressaltar que, no uso do clítico *me*, a posição foi, em todas as ocorrências, proclítica. No uso do *se*, contudo, encontramos 1 ocorrência de ênclise **Mexa-se!** (*E aí?! Vai ficar parado?*) em enunciado associado à forma do subjuntivo:

No português falado no Brasil, Scherre, Cardoso e Lunguinho (2007, p. 507), observam que, “há forte restrição de ocorrência de imperativo verdadeiro [*associado ao indicativo*] com clítico depois do verbo”. Segundo os autores, estruturas como em (18) não são u-

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

suais:

(18) **Ajuda-me** aqui, Juju! (Adaptado de *Que cabelo doidão é esse?*)

Em enunciados com uso de ênclise, “observa-se o imperativo auxiliar [*associado ao subjuntivo*], em número relativamente baixo de ocorrência, mas com tendência muito regular”, como se vê em (19), (20) e (21):

(19) **Dê-me!** (Adaptado de *Pedala, Maluquinho!*)

(20) Ô Maluco! **Coloque-se** no lugar dele! (Adaptado de *Que cabelo doidão é esse?*)

(21) Não o **deixe** trocar a tua cara, mãe! (Adaptado de *E aí?! Vai ficar parado?*)

Ademais, segundo os autores citados, “mais curioso ainda é o fato de haver tendência crescente de substituição do pronome oblíquo pelo pronome da forma reta depois do verbo e presença marcante da forma imperativa [...] *associada ao indicativo*”, como ilustram os exemplos abaixo:

(22) Tá! Mas **deixa eu** escolher, hein? (*Agarrem essa planta!*)

(23) **Beija ela!** (Adaptado de *Caçadores de etê!*)

Feitas essas observações, é importante salientar que os enunciados em (22) e (23) são sintaticamente distintos: em (22) o pronome *reto* é um sujeito acusativo e em (23) o pronome é simplesmente um objeto direto. No item que segue (*Pronome reto e sujeito acusativo*), faremos as diferenciações de uso de um ou de outro, partindo das reflexões do trabalho de Alves (2008, p. 301-2) apresentado no Congresso Nacional da *Abralin em Cena Piauí*, em Teresina, Piauí em abril de 2008.

Pronome reto e sujeito acusativo

O pronome *reto* utilizado como objeto direto encontra licenciamento quando o objeto em questão é [+animado] e quando é de terceira pessoa, como representa o exemplo (24):

(24) **Deixa** *ele!* Tenho uma arma secreta! (Adaptado de *Agarrem essa planta!*)

O sujeito acusativo é um tipo diferente de sujeito. É um referente que exerce concomitantemente a função de sujeito de um verbo e de objeto de outro. Segundo Bagno (2001), “a regra padrão exige que esse [...] [*referente*] esteja na forma oblíqua, enquanto a regra não padrão usa o pronome na forma reta”.

De acordo com o *Dicionário O Globo*, oblíquo “diz-se dos casos da declinação, excetuado o nominativo; *pronome oblíquo*: variação do pronome pessoal, empregada como complemento”. Ora, o PB diferentemente do PE, por questões de morfologia verbal, prefere o sujeito preenchido ao sujeito nulo e o objeto nulo ao objeto preenchido. A seguir, veremos a influência do sujeito e do objeto no uso do *sujeito acusativo* no português do Brasil:

i) Sujeito acusativo de primeira pessoa: Pronome reto *eu*, categoria vazia \emptyset e pronome oblíquo *me*:

(25) Bom... **deixa** *eu* pegar um livro! (*Agarrem essa planta!*)

(26) **Deixa** \emptyset ver... uma dúzia de ovos... (*Pedala, Maluquinho!*)

(27) Vamos com calma! **Deixe-me** pensar numa solução! (Adaptado de *Agarrem essa planta!*)

ii) Sujeito acusativo de terceira pessoa: Pronome reto *ele* (e sua variante feminina e as de plural), o pronome oblíquo *o*²⁶ (e sua variante feminina e as de plural) e o uso de Sintagma Nominal pleno:

(28) Não **deixa** *ele* trocar a tua cara, mãe! (*E aí?! Vai ficar parado?*)

(29) Shhh! Quieta! **Olhe-os** chegando! (Adaptado de *Chega*)

²⁶ Os pronomes *o*, *a*, *os*, *as* podem assumir as formas *lo*, *la*, *los*, *las* em determinadas situações. A saber: a) Quando vem depois de verbos terminados em *r*, *s*, *z*. b) Quando vem depois da palavra *eis* e dos pronomes *nos* e *vos*. Podem ainda se transformarem em *no*, *na*, *nos*, *nas* quando vierem depois de verbos terminados em *m*, *õe*, *ao*. (cf. Tufano, 1997).

de criancice!)

(30) Calado! **Deixa** a “titcha” testar! (*Caçadores de etê!*)

iii) Sujeito acusativo de quarta pessoa (chamada de primeira pessoa do plural pela tradição gramatical): A expressão nominal a gente e o pronome oblíquo nos:

(31) Então come essa pipoca e **deixa** a gente assistir em paz! (*Caçadores de etê!*)

(32) Então come essa pipoca e **deixe-nos** assistir em paz! (Adaptado de *Caçadores de etê!*)

Paradigma verbal

Diferentemente da pesquisa de Cardoso (2007) outras pesquisas apontam que os verbos regulares são fortes favorecedores para a expressão variável do imperativo associado ao indicativo.

Variável	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
Regular (81.9%)	211/276	76.4%	.54
Irregular (18.1%)	33/61	54.1%	.30
Total	244/337	72.4%	

Tabela 3: Paradigma verbal e imperativo associado ao indicativo.

Como revela a tabela 3, os verbos regulares tiveram frequência global de 81.9% e frequência de 76.4% no uso do imperativo associado à forma indicativa com peso relativo de .54 (próximo ao ponto neutro).

Scherre (2003, p. 12-4) analisa o comportamento do paradigma verbal não só pela regularidade ou irregularidade. Ela analisa o tipo de oposição entre a forma indicativa e subjuntiva e do paralelismo fônico da 1ª conjugação no uso do imperativo na forma indicativa.

Conjugação verbal

Os verbos terminados em –ar, ou seja, os de 1ª conjugação, como representa a tabela 4, são os que mais apareceram em nosso *corpus* com um total global de 75.7% e são também os que mais fa-

vorecem as formas associadas ao indicativo em enunciados imperativos. Ao contrário deste, os verbos de 2ª e 3ª conjugações desfavorecem o uso do imperativo associado ao indicativo com pesos relativos de .20 e .31, respectivamente.

Variável	Aplicativo/Total	Frequência	Peso Relativo
1ª Conjugação (75.7%)	203/255	79.6%	.58
2ª Conjugação (10.1%)	14/34	41.2%	.20
3ª Conjugação (14.2%)	27/48	56.2%	.31
Total	244/337	72.4%	

Tabela 4: Conjugação verbal e imperativo associado ao indicativo.

Os exemplos em (33), (34) e (35) apresentam verbos das três conjugações em enunciados imperativos associados à forma indicativa:

(33) Ah, não! **Conta** uma inventada por você! (*Agarrem essa planta!*)

(34) **Diz** aí... essa minha idéia de colocar o skate embaixo foi ótima, né? (*Agarrem essa planta!*)

(35) É! **Vai** indo, vai! (*Agarrem essa planta!*)

PALAVRAS FINAIS

Ao fim de nossas análises, percebemos, a partir do uso global, que a forma mais presente nos diálogos das HQ do *Menino Malquinho* em enunciados imperativos é a forma associada ao indicativo com 72.4% das ocorrências. Ademais, percebemos que as variáveis independentes influenciam no uso de uma forma ou de outra: indicativo ou subjuntivo em maior ou menor escala a depender da variável como veremos a seguir:

1. Polaridade da estrutura: a polaridade afirmativa favorece fortemente no uso do indicativo com peso relativo muito próximo ao ponto neutro (.53) e a polaridade negativa inversamente desfavorece com peso relativo de .19, porém, em alguns contextos seu uso é licenciado, como: negação pós-verbal e dupla negação.

2. Ausência e presença (tipo) de clítico: neste ponto, percebemos que a presença do clítico *me* favorece largamente o uso do imperativo associado ao indicativo com peso relativo igual a .63 seguido de au-

sência de pronome na estrutura com peso relativo de .50 (no ponto neutro), ao contrário destas, a presença de clítico *se* na estrutura desfavorece em tal uso com peso relativo igual .15. Vale ressaltar que só encontramos um caso de ênclise.

3. Paradigma verbal: percebemos, neste fator, que os verbos regulares e irregulares estão atuando como fator relevante para a variação no uso do modo imperativo, revelando que os verbos regulares são os que mais favorecem as formas associadas ao indicativo (.54) e que os verbos irregulares desfavorecem tal uso (.30).

4. Conjugação verbal: o fator conjugação verbal se revelou, também, como atuante para a variação no uso do imperativo associado ao indicativo, com a 1ª conjugação como grande favorecedora com peso relativo igual a .58 e as demais conjugações: 2ª e 3ª conjugações desfavorecem, .20 e .31 respectivamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Jeferson. A expressão variável do imperativo nas tiras do "Menino Maluquinho". **In:** *Caderno Seminal Digital*. Rio de Janeiro: Dialogarts, v. 6, p. 84-94, 2006.

ALVES, Jeferson. A expressão variável do imperativo singular em o "Menino Maluquinho" e sua turma. **In:** *Anais do Congresso Nacional Abralín em Cena Piauí*. Teresina: UFPI, 2008.

ALVES, Jeferson; ALVES, Kleber da Silva. Língua, socialização e diversidade no "português do Brasil". **In:** *Anais da IX Semana de Mobilização Científica*. Salvador: UCSAL, 2006b.

ANDRADE, Carolina Queiroz; MELO, Fernanda Gláucia de Moura; SCHERRE, Maria Marta Pereira. História e variação linguística: um estudo em tempo real do imperativo gramatical em revista em quadrinhos da Turma da Mônica. **In:** *Jornal de Letras da UniCEUB*. Brasília, Ano 3 – número 1 – Agosto de 2007.

BAGNO, Marcos. Ensino de português: do preconceito linguístico à pesquisa da língua. **In:** *Boletim 25 da ABRALIN*. Brasília: UnB, 2001.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna 1999, p. 283.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

BORGES, Poliana Rossi. Formas imperativas em tiras de jornais paulistas. **In:** *Estudos Linguísticos* XXXIV. São Paulo. 2005, p. 738-743.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*: terceira edição revista. Nova apresentação. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FERNANDES, Francisco; LUFT, Celso Pedro; GUIMARÃES, F. Marques. *Dicionário brasileiro Globo*. 12ª ed. São Paulo: Globo, 1989.

GUY, Gregory R. Varbrul; análise avançada. **In:** NEUSA, Matte (Org.). *Cadernos de tradução*. Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, 1998, p. 27-49. Tradução de Ana Maria Stahl Zilles.

GUY, Gregory R; ZILLES, Ana Maria Stahl. *Sociolinguística quantitativa*: Instrumental de análise. São Paulo: Parábola, 2006.

LABOV, William. *Sociolinguistics patterns*. 3ª ed. Philadelphia, University of Pennsylvania Press, 1975.

———. What can be learned about change in progress from synchronic descriptions? **In:** SANKOFF, D. & CEDERGREN, H. (eds.) *Variation Omnibus*. Canada: Linguistic Research 1981, p. 177-99.

NARO, Anthony J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. **In:** MOLLICA, M. Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística*: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003, p. 15-25.

PINTZUK, Susan. *VARBRUL programs*. 1988.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 41ª ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2001.

SANKOFF, David. Sociolinguistics and syntactic variation. **In:** Newmeyer, Frederick J. (ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Volume IV (Language: the socio-cultural context). New York: Cambridge University Press, 1988a, p.141-60.

SANKOFF, David. Variable rules. **In:** AMMON, U.; DITTMAR, N.; MATTHEIR, K. J. (ed.). *Sociolinguistics – An international handbook of the science of language and society*. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 1988b, p. 984-998.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Aspectos sincrônicos e diacrônicos

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

do imperativo gramatical no português brasileiro. **In** *Revista Alfa*, São Paulo, 51(1), p. 189-222, 2007.

———. Norma e uso – O imperativo no português brasileiro. **In**: DIETRICH, Wolf & NOLL, Volker. (orgs.). *O português do Brasil: Perspectivas da Pesquisa atual*. (Linguística luso-brasileira, Iberoamericana-Vervuert. 2004, p. 231-260).

———. Norma e uso na expressão do imperativo em revistas em quadrinhos da Turma da Mônica. **In**: SILVA, Denize Elena Garcia da; LARA, Gláucia Muniz Proença & MAGAZZO, Maria Adélia (orgs.). *Estudos de linguagem: Interrelações e Perspectivas*. Campo Grande: UFMS, 2003, p. 177-191.

———. *O imperativo gramatical no português brasileiro: reflexo de mudança linguística na escrita de revistas em quadrinhos*. [A sair em livro organizado por Sebastião Josué Votre e Cláudia Roncarati. Livro em homenagem a Anthony Julius Naro, 2005].

———; CARDOSO, Daisy Bárbara Borges; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. O imperativo gramatical no português brasileiro: uma discussão translinguística. **In**: *Anais do IV Congresso Internacional da Abralin*. Brasília: UnB, 2005, p. 503-9.

———; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. **In**: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). *Introdução à sociolinguística – o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 147-177.

SMANIOTTO, Giselle Cristina. *A expressão variável do imperativo nas histórias em quadrinhos: uma análise em tempo real*, 2005, 112. f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade de Londrina, Londrina.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 2002. (Princípios).

TUFANO, D. *Estudos de língua portuguesa: gramática*. São Paulo: Moderna, 1997.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.